

O SENTIDO SOCIAL DO SUICÍDIO NO TRABALHO

Selma Venco*

Margarida Barreto**

*O suicida
Não restará na noite uma só estrela.
Não restará a noite.
Morrerei e comigo irá a soma
Do intolerável universo.
Apagarei medalhas e pirâmides,
Os continentes e os rostos.
Apagarei a acumulação do passado.
Farei da história pó, do pó o pó.
Estou a olhar o último poente.
Ouço o último pássaro.
Lego o nada a ninguém.
(Jorge Luís Borges)*

Suicídio é uma palavra de origem latina, cujo significado está, ainda hoje, relacionado à autoeliminação, à autodestruição, ao autoassassinato e ao auto-homicídio. Historicamente, o suicídio na Europa cristã vincula-se às atrocidades praticadas pelo Estado e pelas religiões, que além de punirem o suicida pós-morte, pregando o impedimento da ascensão ao paraíso, transformavam a vida dos seus familiares em um rosário de vergonha e desespero, na medida em que passavam ao poder dos reis. Desse modo, tanto os reis como a Igreja usufruíram do suicídio (BROWN, 2002).

Retrocedendo à Grécia antiga, observa-se que a morte voluntária não era considerada um ato condenável, contanto que existissem boas razões para fazê-lo. Em Sócrates encontramos um bom exemplo da questão ética: durante

* *Socióloga; professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas; doutora em Educação, com ênfase em educação e trabalho; pós-doutora pelo Centre de Recherches Sociologie et Politiques de Paris (CRESPPA), Université Paris X e Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, Universidade Estadual de Campinas.*

** *Médica do trabalho; doutora em Psicologia Social PUC-SP; vice-coordenadora do Núcleo de Estudos Psicossociais da Dialética Exclusão/Inclusão Social – NEXIN/PUC-SP.*

seu longo julgamento, ele repudia a possibilidade de fugir e se livrar da prisão. Após horas de julgamento e possível condenação, ele reflete: “Já era tempo, para mim, de morrer e livrar-me de trabalhos”.

Em Hamlet, o suicídio surge como uma questão moral. Sua atitude inicial de confronto o faz retroceder e evitar o estigma de suicida. Sua maneira de agir reflete, em certa medida, as considerações que já existiam sobre o ato desde a Antiguidade, culminando com as ponderações do cristianismo sobre o suicídio ao final da Idade Média. O movimento iluminista discute as mortes heroicas, como as de Lucrecia, Cleópatra, Catón, Bruto, Casio, Séneca e outros. Neste último, o suicídio, segundo Brown (2002), “supõe uma dissolução do corpo social e simbólico”. É a partir do século XVII que o tema da loucura penetra os atos suicidas, contraditoriamente, pelas mãos dos pesquisadores. O suicida passou a ser julgado como aquele que morre violentamente.

Seguramente a disseminação da peste por toda a Europa contribuiu para sensibilizar e levar à reflexão sobre o valor da vida e a “consciência da morte” (BROWN, 2002), apesar de ainda transversar o imaginário de muitos, o mito do romantismo e paixão, como são considerados os suicídios de Chatterton e do protagonista Werther, de Goethe. No primeiro, a sociedade é acusada como perpetradora da morte, sendo Chatterton sua vítima (*idem*, 2002). Werther, de temperamento enfermo e amor não correspondido (mesmo que em romance), criou o mito que atravessa os nossos dias: falar do suicídio estimularia novos suicídios.

Na Inglaterra, até 1870, as leis do confisco às propriedades do suicida permaneciam vigentes. E, até 1961, o suicídio frustrado poderia culminar em cárcere para o sobrevivente (LIPKO; DUMEYNIEU, 2004). Na França, por exemplo, o suicida era amarrado pelos pés e arrastado pelas ruas. Seu corpo era queimado e atirado em um coletor de lixo localizado em via pública.

Chegamos ao século XXI com novos significados para o suicídio e tendo a biologia como aliada para o conhecimento do corpo, favorecendo o surgimento de novas tipologias criadas pelo médico e criminólogo italiano Lombroso, as quais especificam loucos e assassinos a partir das características físicas.

O discurso do suicídio, ao longo da história da humanidade, traz uma multiplicidade discursiva que o torna, de alguma forma, um conceito polissêmico.

As mudanças na economia, associadas às novas configurações do trabalho, ocorreram paralelamente às transformações na forma de organizar e administrar tanto o Estado como o mundo do trabalho. Os novos regimes e as regras impostas impactaram a construção do Eu e do Outro, alterando a imagem

da identidade de si. Novos discursos foram acrescentados à história do suicídio, em presença de um mundo em constante mutação, indiferente à dor do outro, que estimula o consumismo desenfreado enquanto aumenta o desemprego, o que certamente cria um sentimento de incerteza e vazio, gerando novos casos de suicídios. Apesar disso, continua o silêncio no que se refere ao mundo do trabalho como possível causa de suicídio. Afinal, o suicídio se prepara em silêncio, conforme Camus (2009).

Hoje, o suicídio se inscreve no campo dos transtornos mentais (angústias, depressão, alterações de comportamento, bipolaridade, entre outros), adquirindo o *status* de patologia. Se na Antiguidade, o seu significado estava relacionado à “morte voluntária”, atualmente o suicídio continua sendo sustentado por crenças e mitos que se alimentam do corpo biológico para explicar o que nos angustia. Importam-nos, de fato, as verdadeiras causas que envolvem um suicídio.

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo discutir o suicídio e sua relação com o trabalho, tendo como referência os acontecidos recentemente nas empresas francesas. A hipótese que orienta este texto pauta-se na concepção de que a organização do trabalho e suas revisitadas formas de gestão, baseadas na concorrência e na introjeção de práticas individualizantes crescentes, encontram-se na base de sustentação da decisão do suicídio ocasionado pelo trabalho.

SUICÍDIO E TRABALHO: FENÔMENO DE TIPO NOVO?

Émile Durkheim, em sua obra clássica *O Suicídio*, analisa as relações entre indivíduo e sociedade, focalizando o suicídio como fato social. Nessa perspectiva, os diferentes graus de deterioração social resultariam em vivências individuais e coletivas mais árduas. Maurice Halbwachs indicava, já em 1930, que as razões para o suicídio vinculadas ao trabalho não residiam apenas no desemprego, nas falências, mas, sobretudo, na existência de um sentimento obscuro de opressão que recaía sobre os operários. Tal percepção transposta à atualidade é observada no ocorrido na empresa France Télécom – a maior empresa do setor de telecomunicações na França, que emprega cerca de 102.000 trabalhadores naquele país –, que registrou quatro suicídios na empresa, em 2004, e, entre janeiro de 2008 e janeiro de 2010, contabilizou 34 suicídios no trabalho.

As estatísticas são ainda pouco precisas na França para mensurar a relação entre suicídio e trabalho. Se, por um lado, os números de suicídio na França oscilam entre 11.000 e 12.000 ao ano desde 1975, por outro, os vinculados ao trabalho parecem ocupar maior destaque nos últimos anos.

As estatísticas revelam que as pessoas que cometem suicídio na França são majoritariamente homens, com idade entre 45 e 54 anos. No estudo realizado na Baixa Normandia, 70% dos casos foram de pessoas que trabalhavam há mais de cinco anos na empresa (GOURNAY et al., 2004).

No Brasil, as análises epidemiológicas sobre o suicídio assinalam o seu crescimento na sociedade. Em 2000, foram registradas 6.780 mortes, e, após sete anos, atingiu-se a cifra de 8.800 suicídios. Ou seja, houve um crescimento de 4,0 para 4,7 mortes por 100 mil habitantes, apesar dos sub-registros que cercam esse tipo de morte. É consenso entre os pesquisadores brasileiros relacionar a gênese do suicídio aos processos psíquicos, apesar de alguns estudiosos mostrarem um risco maior de suicídio em algumas profissões, como, por exemplo, o médico. Na França, alguns autores indicam grupos ocupacionais mais propensos ao suicídio. Historicamente, a concentração ocorria nas profissões pouco qualificadas, às quais, segundo Durand (2004), as empresas ou as chefias exigem muita rapidez, havendo um desnível entre a velocidade de execução e a responsabilidade intrínseca ao trabalho. Além dessas, outras comumente expostas a situações cotidianas difíceis, a exemplo de policiais, bombeiros, etc., bem como os pequenos agricultores, que, mais recentemente, frequentemente se veem cercados por dívidas. Esses suicídios se deslocam também em direção a setores diferenciados, como “hospitais, escolas, canteiro de obras, indústrias eletrônicas, serviços bancários, novas tecnologias, serviços comerciais de empresas multinacionais, etc.” (DEJOURS; BÈGUE, 2009, p. 8); e assistimos, ainda, ao suicídio de trabalhadores que ocupam cargos mais elevados na pirâmide hierárquica.

Em outro enfoque encontramos o movimento sindical e alguns pesquisadores latinos (FINAZZI, 2009; ORELLANO, 2005) que mostram e denunciam as evidências do nexos causal entre as condições de trabalho, as reestruturações e as situações de desemprego, e a conduta suicida.

PRECARIIDADE NO TRABALHO: UMA PISTA PARA COMPREENDER OS SUICÍDIOS?

A precariedade nas relações de trabalho tem mobilizado sociólogos e economistas a fim de decifrá-la enquanto característica intrínseca ao mundo do trabalho atual. É possível afirmar, apoiando-se em Cingolani (2005), que tal termo não era recorrente nos estudos até os anos 1970. Em 1974, Magaud (apud CINGOLANI, 2005) irá conceituá-la como a *compra do trabalho fora das regras estabelecidas*; em 1978, Robert Linhart irá compreendê-la como *um processo de trabalho que visa dividir a classe operária*.

Entretanto, a precariedade pode ser compreendida de forma mais ampla. Conforme Robert Castel (1998), ela vincula-se à efemeridade do vínculo empregatício, marcado pelo crescimento dos contratos temporários, tempo parcial, estágios e outras formas mais flexíveis de contratação. Tal processo é marcado pela degradação da condição salarial, alimenta a vulnerabilidade social e se configura, paulatinamente, em um estado generalizado de insegurança que afeta mesmo os que possuem vínculo empregatício formal.

A partir da conceituação de Robert Linhart (1978) e a de Beaud e Pialoux (1999), é possível refletir que o trabalho temporário, como característica presente na situação de precariedade, exerce papel importante na tentativa de fragilizar o coletivo, intensificar o trabalho e individualizar comportamentos, com vistas a neutralizar a mobilização coletiva e generalizar o silêncio. Perspectiva reafirmada por Danièle Linhart, que analisa a condição de os trabalhadores se encontrarem em uma situação de perder não somente um modo de vida em que os coletivos exercem um papel importante na socialização do trabalho, mas, igualmente, cortar o “cordão umbilical” que os une à sociedade (2009, p. 45).

A patologia do medo instaurada nos ambientes de trabalho induz a condutas de dominação e/ou de submissão, instaurando-se um clima de permanente competição, tanto individual quanto coletivo, suportável pela perspectiva da manutenção do emprego (PEZÉ, 2001; ALONZO, 2000).

O mal-estar no trabalho e o medo do desemprego são, segundo Luciano Vasapollo (2005, p. 45), “o processo que precariza a totalidade do viver social”, e, para Castel, “o desatrelamento dos antigos pertencimentos” (1998, p. 133). Segundo Orellano (2005), o trabalhador frente à crise e ao desemprego sente-se confuso, indeciso, perturbado, perdido e desvinculado, fatores estes que promoveriam tirar a vida com mais facilidade.

Esse contexto de instabilidade configura-se como campo fértil para a instalação de patologias do medo, cujas características de angústia frente às incertezas são equivalentes às vivenciadas pela situação de desemprego. Cabe destacar que, não obstante as situações de trabalho sejam concretas e idênticas, estas são vividas de formas diferenciadas pelos indivíduos, de acordo com suas trajetórias pessoais. Nessa perspectiva, a psicanalista Marie Pezé observa que é irreal supor que trabalhadores consigam desvencilhar-se de sua história de vida, deixando-a “atada a um cinto no vestiário da empresa” para exercer sua atividade (2001, p. 30).

A racionalização do trabalho é estreitamente ligada às condições em que se dá, na medida em que atua permanentemente na dominação do capital sobre

o trabalho, respaldando-se em novas tecnologias voltadas para o aperfeiçoamento do controle dos movimentos e da produtividade dos trabalhadores. Esses fatores expressam-se em relações de trabalho num contexto socioeconômico neoliberal, resultando em desemprego e precarização do trabalho. Como elucidam Zune e Pichault (2000 apud DESSUS, 2002, p. 40), ocorre hoje um “novo contrato psicológico”, que imputa exclusivamente aos próprios indivíduos a responsabilidade de conseguirem um emprego, bem como adotar atitudes no trabalho guiadas pela capacidade de integração, amabilidade e engajamento com a empresa.

As características da empresa dita moderna impõem o alcance de metas sempre variáveis, a intensificação do trabalho e a ausência de orientações claras e de formação específica para uma nova organização do trabalho e/ou para a utilização de novas tecnologias. Tais fatores configuram um tipo de precariedade subjetiva, na qual cada trabalhador não encontra os meios necessários para realização da sua atividade e, pela atitude da gerência, cada um dentro da empresa é um ator responsável por sua própria sorte (LINHART, 2009, p. 79).

SUICÍDIO E TRABALHO: QUAIS ABORDAGENS?

Christophe Dejours, psicanalista, e Florence Bègue, psicóloga do trabalho (2009), sistematizaram três abordagens que aportam elementos para se compreender a vinculação entre suicídio e trabalho. A primeira, marcada pelo estresse, associa as perturbações biológicas e psíquicas ao ambiente. Na concepção dos autores, essa compreensão sofreu um deslocamento de análise à medida que o foco transferiu-se do ambiente para a forma como o estresse é gerenciado pelo próprio indivíduo. Tal perspectiva prega medidas para gerar o estresse, pautando-se em técnicas de relaxamento, respiração, etc. A segunda perspectiva se inscreve no campo estruturalista e imputa ao ato do suicídio uma fragilidade individual, oriunda de bases genéticas ou hereditárias. Tal análise considera essencialmente a presença de histórico prévio de patologias dessa natureza, nas quais o trabalho é compreendido como “um revelador das falhas” (*idem*, p. 26).

E, por fim, a terceira abordagem, por eles denominada de “sociogenética”, analisa os aspectos sociais vinculados ao trabalho, tais como a gestão e a organização, como fatores de “descompensação psicológica” (op. cit., p. 25-26).

As análises que evocam a centralidade do trabalho na vida dos indivíduos e, conforme Dejours e Bègue, na “construção e na estabilização da identidade

e da saúde mental” (p. 29) são reforçadas pelas situações de desestabilização do trabalhador frente ao desemprego.

O MUNDO DO TRABALHO ATUAL E O SUICÍDIO COMO PATOLOGIA LABORAL

O que dá razão e sentido ao viver pode constituir-se em razão para morrer, como refletia Camus. O trabalho, enquanto atividade humana, dá sentido à vida, fortalecendo a identidade e a dignidade do trabalhador. Os novos modelos de gestão adotados pelas empresas, associados às reestruturações e *downsizing* (redução de pessoas) frequentes, aumentaram a insegurança e, conseqüentemente, o nível de autoexigência ante o medo de perder o emprego por não ser avaliado adequadamente, o que, de forma direta, aumenta o nível de sujeição frente às práticas despóticas presentes no mundo do trabalho.

Essa nova realidade do mundo do trabalho precarizado, flexível, fragmentado e produtor de desemprego usa, frequentemente, a micropolítica das humilhações cotidianas e sistemáticas como instrumento de controle da biopolítica, que desestrutura emocionalmente os trabalhadores, podendo levá-los a desistir do emprego frente às ameaças cotidianas e ao olhar silencioso dos pares que assistem e testemunham. As conseqüências são nocivas para todos os trabalhadores, porquanto causam conflitos em suas vidas, alteram valores, transtornam as emoções e corroem o caráter individual, contribuindo para a fragmentação das biografias laborais e destruição dos laços de amizade no coletivo. A esse quadro se acrescenta o incremento de atos de violência nas relações laborais, associado ao estímulo à competitividade e à instalação da indiferença com o sofrimento do outro.

No marco das transformações, os trabalhadores se sentem isolados e solitários em coletivo, sem reconhecimento de suas potencialidades e criatividade, sem autonomia e liberdade. Esses fatores são responsáveis pelo desencadeamento de diferentes e novas patologias que estão na base do estado de mal-estar, responsável pelo aumento de suicídios no e do trabalho na França, assim como em nosso país, mostrando a nova estética da violência em um mundo do trabalho globalizado, no qual o corpo do suicida contém pistas e histórias, sobre o mundo do trabalho, que não foram reveladas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONZO, Philippe. Les rapports au travail et à l’emploi des caissières de la grande distribution. Des petites stratégies pour une grande vertu. *Travail et Emploi*, n. 76, 1998.

DOCTRINA

- BEAUD, Stéphane; PIALOUX, Michel. *Retour sur la condition ouvrière*. Paris: Fayard, 1999.
- BROWN, Ron M. *El arte del suicidio*. Espanha: Sintese, 2002
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. 7. ed. São Paulo: Record, 2009.
- CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CINGOLANI, Patrick. *La precarité*. Paris: PUF, 2005.
- DEJOURS, Christophe; BÈGUE, Florence. *Suicide et travail: que faire?* Paris: PUF, 2009.
- DESSUS, Noëmi; TOUATY, Elsa. *Les employés des centres d'appels ou la flexibilité sous toutes ses formes*. Paris: Ministère de la Jeunesse, de l'Éducation National et de la Recherche, 2002
- DURAND, Jean-Pierre. *La chaîne invisible: travailler aujourd'hui: flux tendu et servitude volontaire*. Paris: Seuil, 2004.
- DURKHEIM, Émile. *Le suicide*. Paris: PUF, 1986.
- FERREIRA, Mário Cesar. Trabalho e suicídio. *Folha de São Paulo*, 7 fev. 2008.
- GOURNAY, M. et al. *Étude des suicides liés au travail en Basse-Normandie*, Travailler 2004/2, n. 12.
- HALBWACHS, Maurice. *Les causes du suicide*. Paris: Felix Alcan, 1930.
- LINHART, Danièle. Les conditions paradoxales de la résistance au travail. *Nouvelle revue de psychosociologie*. 2009/1, n. 7.
- _____. *Travailler sans les autres?* Paris: Seuil, 2009.
- LINHART, Robert. *L'Établi*. Paris: Minuit, 1978.
- LIPKO, Ernesto; ADUMEYNIEU, Ines. *Patologia laboral del equipo de salud mental*. Buenos Aires: Lugar, 2004.
- MINOIS Georges. *Histoire du suicide: la société occidentale face à la mort volontaire*. Paris: Fayard, 1995.
- ORELLANO, Miguel H. *Trabajo, desocupación y suicidio: efectos psicosociales del desempleo*. Buenos Aires: Lumem; Humanitas, 2005. 152 p.
- PEZÉ, Stéphan. *Penser l'impensable: cadrage cognitif des suicides liés au travail et pratiques des organisations*. Disponível em: <<http://hal.archives-ouvertes.fr/docs/00/39/23/01/PDF/Pezes.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2010.
- REPUBLIQUE FRANÇAISE. *Conseil Economique et Social. Organisations du travail et nouveaux risques pour la santé des salariés*. Relatório apresentado por Elyane Bressol, 2004.
- SANTOS, Marcelo Augusto Finazzi. *Patologia da solidão: o suicídio de bancários no contexto da organização do trabalho*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciências da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, 2009.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. São Paulo: Record, 2004.

DOUTRINA

- THÉBAUD-MONY, Annie. O trabalho mata em silêncio. *Le monde diplomatique*, julho 2007.
- UENO, Kayoko. O suicídio é o maior produto de exportação do Japão? Notas sobre a cultura de suicídio no Japão. Brasil. *Revista Espaço Acadêmico*, 2005. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/044/44eueno.htm>>. Acesso em: 21 abr. 2010.
- VASAPOLLO, Luciano. *O trabalho atípico e a precariedade*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- VENCO, Selma. *As engrenagens do “telemarketing”*: vida e trabalho na contemporaneidade. Campinas: Arte Escrita, 2009.
- VILASECA, Borja. *El síndrome del trabajador quemado*. Montevideo, 2006. Disponível em: <http://www.reluita.org/laboral/trabajador_quemado.htm>. Acesso em: 21 abr. 2010.